

PEDAGOGIA, TECNOLOGIA E ESTUDOS CULTURAIS: UM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Margarita V. Gomez

Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho
(PROGEPE-UNINOVE/SP) e Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGE-UNINOVE/SP.
marvict@ymail.com

Resumo: O Brasil é um dos poucos países da América Latina em que a relação entre estudos culturais e pedagogia tem-se desenvolvido com certa presença e consistência, e Freire é um dos poucos pensadores da educação do sul, que é retomado por autores do 'norte' e reconhecido como fonte e como mestre. Neste trabalho, decorrente da pesquisa sobre a apropriação dos ambientes virtuais de aprendizagem no contexto da formação de professores na Universidade Aberta do Brasil (UAB) busca-se apoio na educação como ação cultural, ideia de Paulo Freire, a partir da qual se fortaleceu nosso interesse pelos estudos culturais. Indagamos não só como alguns autores estabelecem um diálogo entre os estudos culturais e a pedagogia de Freire, mas também o lugar das contribuições específicas de Freire para reinventar a educação. Um primeiro olhar sobre a cultura, a escola e o cidadão é feito para por em pauta a contemporaneidade da proposta pedagógica de Freire. Entende-se a contemporaneidade como o relacionamento que temos com o nosso tempo, o que nos permite tomar alguma distância para repensar estas questões e achar elementos para restabelecer eventuais relações sociais e históricas para o avanço da formação e da escola que queremos. Este trabalho nos remete ao artigo de Paulo Freire *A tragédia de ser ou não ser contemporâneos* (1995) onde ele assume as situações que o constituem como gente. Como nós, hoje, reconhecemos o atravessamento que sofremos em nossas práticas pela tecnificação e digitalização da sociedade que nos coloca em uma posição difícil, a de viver a tragédia de ser contemporâneos de situações de exclusão e desigualdade e tão longe de ser contemporâneo das ideias que defendemos. Ao participar deste painel, esperamos nos envolver numa conversa sobre esta temática que pode nos ajudar a repensar a cultura e a escola na perspectiva dos estudos culturais e com a contribuição de Paulo Freire.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia – Paulo Freire- Estudos Culturais.

APRESENTAÇÃO

No atual contexto educativo brasileiro, é notável a expansão da educação superior, especificamente da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Embora o seu nome possa confundir, não se trata de uma universidade e sim de um sistema dual, presencial/virtual, que articula Universidades Federais, Estaduais e Institutos Federais. A UAB, como uma metauniversidade, propõe abrir as portas das universidades públicas para incluir a população do interior do país que necessita de formação superior. Por vontade política foi criada a Universidade Aberta do Brasil, pelo decreto Nº 5.800, de 8

de junho de 2006, do governo liderado pelo Partido dos Trabalhadores. Como modalidade de formação, foi escolhida a educação semi-presencial, tendo a acessibilidade como uma opção política.

Similar à Open University (OU) da Inglaterra, criada em 1969, esse modelo de universidade, em princípio, é contra a educação superior restrita, que torna difícil a admissão de professores e/ou profissionais da classe trabalhadora nas instituições universitárias. Essa abertura, num primeiro momento, oferece oportunidade de acesso a estas pessoas que não têm diploma de educação superior e dele necessitam, mas vivem longe dos centros acadêmicos.

A UAB, assim como as comunidades acadêmicas presenciais, gera uma cultura no seu entorno a partir da formação realizada nos sistemas que usam ambientes virtuais de aprendizagem. Pouco se conhece, ainda, no Brasil, sobre esse processo cultural constituído por práticas, saberes e conhecimentos que se articulam numa proposta de educação aberta.

Esta introdução procura dizer que é, nesse contexto, que se está realizando a pesquisa sobre a formação de professores e a apropriação dos ambientes virtuais de aprendizagem por eles, em que o principal referencial teórico é a pedagogia de Paulo Freire a partir da qual se fortaleceu nosso interesse pelos estudos culturais.

Sermos contemporâneos a esse movimento de expansão da educação e formação superior brasileira leva-nos a estabelecer uma relação com a cultura e com as ideias pedagógicas de nosso tempo. É significativo, neste estudo, o fato de que a Universidade Aberta e os estudos culturais tenham como berço a Open University da Inglaterra, hoje referência mundial na modalidade de educação a distância, onde Stuart Hall e outros teóricos amplamente acolhidos no Brasil deram a conhecer os estudos culturais.

Nesta pesquisa apresentaram-se múltiplas vertentes de análise e optamos pelos estudos culturais e pelo trabalho de Freire.

No livro *Extensão ou comunicação* (1983) Freire formula uma crítica que permite questionar certas tecnologias de 'capacitação' que reproduzem a lógica do saber-poder que está implícita nos projetos desenvolvimentistas dirigidos a populações rurais na América Latina. Hoje, pode se pensar que o estudo das apropriações das plataformas e tecnologias de aprendizagem pelos professores em formação na modalidade a distância responde a certos usos e noções e, parece-nos, que os estudos culturais podem nos oferecer subsídios. E, para isso, buscamos ver de que maneira a proposta de Paulo Freire é retomada no Brasil pelos estudos culturais.

É relevante considerar que Freire é um dos poucos pensadores da educação do sul que é reconhecido como fonte e como mestre por autores do 'norte'. O Brasil é um dos poucos países da região em que a relação entre estudos culturais e pedagogia desenvolveu-se com certa consistência, o que nos permite essa aproximação.

Para analisar de que maneira o trabalho de Freire influenciou o trabalho de outros autores, correntes ou projetos de estudos culturais no país, vamos fazer referência a alguns textos consultados: Tomaz Tadeu da Silva, Veiga-Neto, Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira, Luis Henrique Sommer, Maria Elisa Cevasco e Heloisa Buarque de Hollanda. Esses autores estabelecem, no Brasil, o diálogo entre estudos culturais e pedagogia, embora nem todos retomem Freire.

Perguntamo-nos: Como o trabalho de Freire influenciou autores / trabalhos/projetos na área da educação? Como alguns autores estabelecem um diálogo entre estudos culturais e a pedagogia de Freire? Qual o lugar/contribuições específicas de Freire para esses trabalhos?

Nossa opção de pesquisa permite-nos fazer uma leitura crítica acerca da maneira como é lido Freire pelos autores dos estudos culturais.

Paulo Freire: pedagogia como política e política como pedagogia

Na docência, sabemos que educar é mais do que transmitir informações ou conteúdos e que implica em gerar espaços para a produção social do conhecimento. Assumir a responsabilidade de educar em tempos de cibercultura, com o uso das redes e dos dispositivos digitais, como é feito em nossa pesquisa, nos obriga a considerar a própria cultura como eixo para pensar as mudanças no processo de aprendizagem. Sem dúvidas, a educação implica produção e ação cultural, pois, ao mesmo tempo em que fazemos, nos refazemos, abrindo-nos a novas possibilidades para experimentar coisas novas, permitindo-nos reconhecer como sujeitos inacabados, em permanente devir.

No final dos 80, em uma conferência na Universidade de São Paulo, tivemos a oportunidade de encontrar a Paulo Freire. Trata-se de um dos educadores brasileiros e latino americanos mais renomados do mundo, patrono da educação brasileira (Projeto de Lei PLC 50/11), que diz: “A paixão com que conheço, falo ou escrevo não diminuem o compromisso com que denuncio e anuncio. Sou uma inteireza e não uma dicotomia... Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também (FREIRE, 2001, p. 18).

Para uma aproximação com a obra de Freire, vamos considerar quatro momentos/contextos de sua trajetória: Brasil (até 1964), Exílio (64-80), Retorno a Brasil (80-97) e Legado. Do primeiro momento, destacamos o orgulho que Freire sentia em dizer que nasceu em Recife, no nordeste brasileiro, reconhecendo sua cultura, mesmo carregada de machismo. Neste primeiro momento, foi importante a participação de Freire, como relator/delegado por Pernambuco pela 3ª Comissão Regional, no Segundo Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro (1958). Freire relatou que havia baixa frequência de alunos, que as escolas funcionavam precariamente, que a remuneração dos professores era baixa, o material didático inadequado e que os adultos eram tratados como crianças. Motivos suficientes para a falta de interesse e para o fracasso das propostas de alfabetização. Ainda, enfatizou, a pouca comunicação entre alunos e professores e destes com o material didático, com seu conteúdo e metodologia totalmente descontextualizada da cultura e das necessidades das pessoas. Freire começou a criticar às propostas de educação baseadas no saber fragmentado e por meio das quais o professor, detentor do saber, enchia a cabeça dos alunos de conteúdos (da mesma maneira com que se faz depósitos bancários) para depois cobrar o que lhes foi transmitido. A educação bancária literalmente se refere a banco e é um conceito cunhado por Freire para designar esse modelo por ele criticado. Para Freire, essa educação nega a dialogicidade da educação, tornando o sujeito um objeto passível de manipulação, já que domestica e silencia as pessoas, castrando o mais sagrado delas, a sua curiosidade e a sua criatividade. Trata-se de uma educação que, no dizer de Edgar Morin, produz cegueira e ignorância. Nesse II congresso de 1958, Freire apresenta os princípios para a alfabetização de adultos. Afirma que a alfabetização está relacionada diretamente ao mundo cotidiano do adulto, que, no processo, o reconhece e retorna a ele - a este mundo -para criticá-lo e transformá-lo com a sua participação ativa. É o início do que será conhecido logo como Método Paulo Freire. Embora não tenha conseguido implantar essa teoria de aprendizagem e as ações necessárias para mudar a situação do analfabetismo no país, ficou claro que um dos traços forte de sua proposta era incorporar a cultura do adulto no processo de alfabetização, além de que o adulto não seria tratado como criança, o que constitui uma das originalidades de seu 'método'. Entendia que a situação de analfabetismo era uma construção social e histórica, sustentada em parte por políticas públicas, mas que o mais problemático era o analfabetismo político por não se conhecer as causas da situação. O professor, o educador, o aluno, a cultura e a aprendizagem

ganham centralidade em sua proposta pedagógica, pois são eixos estruturadores que caracterizam os pilares da educação para o século XXI.

Do segundo momento, o exílio, quando escreve e publica a *Pedagogia do Oprimido* (1970) com grande aceitação e também com críticas que serão respondidas na *Pedagogia da esperança* (1992), que é quando dá organicidade semântica a sua narrativa sobre o antes, o durante e o depois do exílio. Em *Pedagogia da Esperança* (1992), recolhe e responde às críticas com relação à sua linguagem machista por referir-se sempre apenas aos homens, crítica realizada especialmente pelas feministas americanas. Sobre sua solidariedade, que os críticos se era orgânica ou mecânica ficou claro que ia além do simples discurso. Sobre a questão estética, ele explica que escrever bonito não é somente para os poetas. Sobre a ideologização de sua obra, afirma considera a história como possibilidade. Em *Pedagogia da esperança*, - memória trazida do exílio- Freire se permitiu lembrar a sua trajetória e amarrar textos que pareciam desconectados, em uma trama que se refazia com as adesões e as críticas recebidas. Ele já entendia que a escrita não era uma forma neutra, que a palavra verdadeira é dinâmica e interpessoal, que implica ação, reflexão, transformação e é constitutiva do homem e da mulher, que se fazem também na linguagem, no diálogo mediador e socializador da práxis em comunidade.

Freire considera que a existência se dá entorno da prática, da reflexão da própria prática e da ação e entende que, como educadores, temos consciência da nossa atividade e do mundo no qual estamos inscritos. É, nesse contexto, que os educadores estabelecem relações com o mundo, com os outros e os impregnam com a sua presença criadora pela transformação que realizam. Freire afirma que os homens e as mulheres (...). não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica.. (...) porque são consciência de si e, assim, consciência do mundo, porque são um "corpo consciente" (FREIRE, 1987, p. 51)

Em *Pedagogia do oprimido* (1970 [1987], p. 16), Freire afirma que “os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema.”. E dedica esta obra “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.” Neste sentido, somente os professores, alunos e comunidade que se comprometam com esses princípios contribuirão para a educação; por meio do diálogo com os outros, envolvendo a esperança ativa dos que buscam ser éticos e presentes. Na perspectiva de Freire, o sujeito não pode se negar ao outro, não pode ser sem o outro.

Do terceiro momento/contexto, quando Freire e sua família regressam a Brasil em 1980, depois da Lei de Anistia e, neste reencontro com o país, afirma que ele voltou para reaprender o Brasil e que estava aberto para aprender com os outros, já que juntos pode-se aprender mais. Para ele, a humildade de aprender com os outros é um dos saberes fundamentais da arte de educar.

Na pedagogia freireana, há um profundo respeito pelo outro, pela sua cultura e os seus saberes. Nela encontramos a concepção de sujeito, de educação, de sociedade pela qual optamos trabalhar. Ele não desconhece a didática, mas, como destaca Tomás Tadeu da Silva, a sua proposta é uma teoria de aprendizagem.

Do quarto momento, o legado de Freire, admitimos que ele nos deixou um conjunto de aberturas para a formação dos professores. Seu trabalho empenha-se com a participação e com a diversidade cultural: “Ninguém pode ser, autenticamente, proibido que os outros sejam. Esta é uma exigência radical.” (FREIRE, 1987, p.43)

Ao assumir esta postura, é evidente que, como professores e cidadãos, estamos frente a uma situação na qual não podemos deixar de admitir que a generosidade do humanismo e da moral planetária, da qual fala Edgar Morin, está em movimento e supõe a garantia da pluralidade em estilos de vida, a diversidade cultural e a aceitação da diferença, sem sucumbir à tentação de dominar o outro física, psicológica ou educacionalmente.

São esses alguns elementos ou eixos retomados na pesquisa sobre a apropriação dos ambientes virtuais e das tecnologias no processo de formação dos professores, onde se tenta, mais do que responder, gerar indagações, perguntas, questionar as concepções de educação, de cultura, de sujeito e de aprendizagem.

Como Freire, reiteramos a impossibilidade da educação neutra. No livro *Política e educação* (1993) e em *Pedagogia da indignação* (2000), Freire afirma que a educação se sustenta na ética, no respeito com os demais. Realmente, a unidade na diversidade implica em reconhecer que as diferenças interculturais existem como existem diferenças de classes e de gênero, entre outras. Essas diferenças geram ideologias tanto discriminatórias como de resistência, a cultura hegemônica gera a ideologia discriminatória, e a cultura dominada gera a ideologia de resistência.

Ao aceitar as diferenças, ao permitir sermos nós mesmos é que nos abrimos para que o outro também possa ser e se amplie em uma existência coletiva e social. Esta existência original e singular, é uma questão humana e social, que resulta de relações ou conexões que nos tiram da monotonia, da mesmice, do anonimato. É uma abertura

respeitosa, onde não existe um “Eu penso individual”, mas um pensamos como um ato coletivo.

Essa pedagogia nos remete ao professor em formação situado histórica y socialmente e nos mobiliza, nos inquieta, pois abre perguntas, gera novos arranjos e produz mudanças.

Educação e estudos culturais no Brasil: contribuições de Paulo Freire

Os estudos culturais no Brasil, ligados a produções pedagógicas freireanas respondem e oferecem suporte para nosso estudo maior.

No capítulo primeiro do livro *Estudos culturais em educação*, organizado por Marisa Vorraber Costa (2000), e também no artigo *Cultura, culturas e educação*, de Alfredo Veiga-Neto, publicado na *Revista Brasileira de Educação* (Maio/Jun/Jul/Ago 2003 N° 23), questiona-se como a cultura passa de ser domínio da erudição, da tradição literária e artística, com padrões estéticos estilizados para os gostos culturais para contrapor-se à visão de mundo das multidões.

Costa et al. (2000, p.12) utilizam a expressão *Teoria viajante*, da autora brasileira Heloisa Buarque de Holanda referindo-se aos estudos culturais, “atribuindo-lhes um certo ethos, uma vocação para transitar por variados universos simbólicos e culturais, por vários campos temáticos e teorias, encontrando portos de ancoragem onde se deixam ficar e começam a produzir novas problematizações.”

Costa et.al (2000) referem-se aos estudos culturais latino-americanos desenvolvidos na América Latina de língua espanhola, excluindo os brasileiros para mostrar o distanciamento entre esses dois contextos. Outra questão que abordam são as polêmicas sobre o que pertence e não pertence aos estudos culturais e destacam que os nomes representativos da América Latina são: Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero e Beatriz Sarlo, intelectuais que, por sua vez, não se reconhecem de maneira incontestável nestes estudos. No texto *Estudos culturais, educação e pedagogia*, Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira e Luis Henrique Sommer citam Mato (2001, p. 13) para referirem-se as contribuições de Paulo Freire: “[...] a importância, para o campo dos estudos e outras práticas em cultura e poder, das contribuições de Paulo Freire...” Esses autores consideram que, embora os estudos culturais tenham surgido na área da educação de adultos, até hoje é controversa a relação entre educação e estudos culturais por estes serem pouco problematizados e debatidos.

Carvalho (2006) considera que “Os Estudos Culturais como estudos críticos da

cultura devem prover a fundamentação teórica, metodológica e política para que as universidades latino-americanas, que foram constituídas como brancas, excludentes, racistas, colonizadas e dedicadas a reproduzir unicamente o saber eurocêntrico moderno, finalmente comecem a se transformar naquilo que deveriam ter sido desde a sua fundação: centros multietnicos, multi-raciais e multi-espistêmicos de estudos, abertos à incorporação de todos os saberes válidos, criados e vigentes no nosso continente - saberes ocidentais, indígenas, afros americanos e das demais comunidades tradicionais.”

Para Carvalho (2006), a proposta de Paulo Freire busca, por meio do processo de alfabetização, restituir às pessoas a dignidade, reconhecendo que chegavam a esse processo com saberes da vida e da experiência. Aprender a escrever e a ler é uma experiência que ativa e expande a consciência. A situação de oprimidos era colocada em questão no processo da alfabetização básica por Paulo Freire. Ele não colocou em questão o ensino superior, que era o lugar dos acadêmicos.

De certa maneira, segundo Carvalho (2006), o encontro de saberes deve ser entendido como um movimento paralelo e complementar à proposta de Freire, inclusive porque os analfabetos que se alfabetizam por meio de sua proposta, podem ser os mesmos professores e pensadores que logo entram na universidade. Para ele, pode-se romper a barreira epistêmica que privilegiou com exclusividade a ciência européia moderna, rejeitando e excluindo as ciências milenares desenvolvidas pelas nações indígenas, pelas nações africanas, pelas comunidades afro-brasileiras e pelos demais povos tradicionais do Brasil. Freire é reconhecido como autor brasileiro no contexto dos estudos culturais.

Tomas Tadeu da Silva (1999) dedica um capítulo de seu livro *Documentos de identidade* para se referir à *Pedagogia do oprimido versus pedagogia dos conteúdos*. Estudioso das questões curriculares, Silva retoma a Freire e pergunta-se: Que significa conhecer? E explica que para responder essa pergunta, Freire cunhou o conceito de educação bancária, que designa aquela que se torna verbalismo vazio, com um currículo desligado da realidade e da cultura da gente e na qual o professor é o detentor do saber.

A dimensão cultural do currículo caracteriza a relação de Freire e de Silva com os estudos culturais. Aqui nos referimos aos Estudos Culturais e ao Currículo para pensar este último como um campo de luta em torno da significação e da identidade. Como artefato cultural, o currículo é considerado por Silva como um processo de construção social que enfatiza a linguagem e o discurso. Todo conhecimento é um objeto cultural

com significado social, que implica relações complexas de saber. As contribuições de Silva são importantes para entender o currículo na sua dimensão cultural e dialogam muito bem com os estudos culturais e com Freire.

Considerações relacionais

A pedagogia proposta por Paulo Freire circunscreve-se nos estudos culturais. Embora não tivesse interesse em ter imitadores, ele inspirou e inspira nossas pesquisas.

Uma nova geopolítica do conhecimento se abre em relação aos estudos culturais e à pedagogia e Paulo Freire. Reconhece-se que o saber fundamental continua sendo a capacidade de desvendar a razão de ser do mundo e que esse saber não é superior nem inferior a outros saberes, mas é um saber que elucida, que desoculta. A pesquisa sobre a apropriação dos artefatos culturais e tecnológicos da nossa época é uma necessidade no contexto da formação dos professores.

Na formação docente, o professor não é somente quem ensina as primeiras letras, os cálculos e as tecnologias, ele faz parte da vida do educando. Um professor, muitas vezes desvalorizado, pode estar numa situação de mal-estar por não conhecer os avanços específicos da sua área e por atuar numa sociedade altamente tecnificada e diversificada. A cultura tecnológica e a de formação são expressões do político, de uma política pública, de uma racionalidade moderna e, pode-se dizer, colonizada. Como Freire, embora sejamos orientados por uma racionalidade moderna consideramos que é possível mudar a situação quando se trabalha na formação dos professores com a educação vista como ação cultural, que torna possível a conexão intrínseca entre conhecimento, política e poder para ampliar a vida pública democrática.

A relação entre pedagogia, tecnologia/formação com os estudos culturais é encontrada no compromisso assumido pelo poder público de atender os setores excluídos da educação/formação superior. No caso do professor que busca obter sua formação superior na UAB, possibilita-lhes a apropriação dos ambientes virtuais de aprendizagem. Essa aproximação da pedagogia com os estudos culturais é considerada importante para a pesquisa em curso sobre a universidade aberta e sobre a apropriação dos dispositivos digitais pelo professor e de um processo cultural constituído por práticas, saberes e conhecimentos que se articulam na proposta de sua formação.

Referências

- CARVALHO, José Jorge. Os Estudos Culturais como um movimento de inovação nas Humanidades e nas Ciências Sociais, *Cadernos da Escola de Comunicação*, n. 4, Universidade do Brasil, Curitiba, 2006.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel and SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2003, n.23, pp. 36-61. ISSN 1413-2478.
- COSTA, Marisa Vorraber, (org.). *Estudos culturais em educação*. Mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- FIORI, E. M. Aprenda a dizer a sua palavra. In: Freire, P. *Pedagogia do oprimido*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. [1.ed. 1970]
- FREIRE, P. *Política e educação: ensaios*/Paulo Freire. São Paulo, Cortez, 1993.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com pedagogia do oprimido*. 10. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2003, pág. 32. [1.ed. 1992]
- FREIRE, P. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* tradução de Rosisca Darcy de Oliveira, prefácio de Jacques Chonchol. 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- FREIRE, P. A tragédia de ser ou não ser contemporâneos In: *Um olhar sobre a Cultura, o Cidadão e a Empresa*. Rio de Janeiro: CNI-Senai/Ayuri, 1995.
- FREIRE, P. Relatório do Seminário Regional de Pernambuco em 1958. 3ª Comissão- In. Fávero, O. Contribuição de Paulo Freire à educação popular e aos movimentos sociais (VII Colóquio Paulo Freire, Recife, 2010) Mimeo.
- HOLLANDA, H. B. de. *A academia entre o local e o global*. Z – Revista Eletrônica, PACC/UFRJ. 1997.
- SILVA, Tomaz T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. In: COSTA, Marisa V. (org.). *Estudos culturais em educação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.